

AS CARACTERÍSTICAS DA FÉ

153-165

INTRODUÇÃO



Algumas vezes os cristãos e os católicos são pintados como religiosos fanáticos, devotos cegos e intolerantes. Na raiz dessa caricatura está a crença (mais exatamente: o preconceito) de que a fé exerça sobre as pessoas uma ação que as cega e as conduza ao fanatismo. Será verdade que a fé cristã é em si mesma facciosa?

Outro problema que os cristãos devem enfrentar no seu ato de crer é a dificuldade de justificar e explicar a fé como uma decisão definitiva. A cultura atual está convicta de que é impossível que as pessoas façam escolhas definitivas e fundamentais. Não há ou não se deve jamais tomar uma decisão definitiva: os relacionamentos são provisórios; o amor não empenha; mesmo os compromissos consigo mesmo e com a própria consciência podem ser mudados conforme a conveniência. Esse “dogma”, aceito tacitamente ou defendido explicitamente, torna muito difícil o entendimento da fé e a sua realização.

Os parágrafos 153-165 descrevem a estrutura do ato de fé e os seus diversos componentes. Trata-se de um tema muito importante para os cristãos e muito urgente para a pastoral.

Cada vez mais os cristãos terão que se explicar: por que você crê? Essa cobrança não é necessariamente negativa, uma vez que o cristão deve responder a si mesmo: por que creio?

TEXTO 153-165

CAPÍTULO TERCEIRO

A RESPOSTA DO HOMEM A DEUS

ARTIGO 1: EU CREIO



III. As características da fé

A FÉ É UMA GRAÇA

153. Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus declara-lhe que esta revelação não lhe veio «da carne nem do sangue, mas do seu Pai que está nos Céus» (Mt 16,17; cf. Gl 1,15-16; Mt 11,25). A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade» (cf. Gl 1,15-16; Mt 11,25).

A FÉ É UM ATO HUMANO

154. O ato de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um ato autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (como, por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam), para assim entrarem em mútua comunhão. Por isso, é ainda menos contrário à nossa dignidade «prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador» (DS 3008) e entrar assim em comunhão íntima com Ele.

155. Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina: «*Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis, a Deo motae per gratiam*» — «Crer é o ato da inteligência que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça de Deus» (Sto. Tomás de Aquino, *S.Th.* II-II,2,9; DS 3010).



A FÉ E A INTELIGÊNCIA

156. O *motivo* de crer não é o fato de as verdades reveladas aparecerem como verdadeiras e inteligíveis à luz da nossa razão natural. Nós cremos «por causa da autoridade do próprio Deus revelador, que não pode enganar-se nem enganar-nos» (DS 3008). «Contudo, para que a homenagem da nossa fé fosse conforme à razão, Deus quis que os auxílios interiores do Espírito Santo fossem acompanhados de provas exteriores da sua Revelação» (DS 3009). Assim, os milagres de Cristo e dos santos (cf. Mc 16,20; Hb 2,4), as profecias, a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e estabilidade «são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de todos» (DS 3009), «motivos de credibilidade», mostrando que o assentimento da fé não é, «de modo algum, um movimento cego do espírito» (DS 3010).

157. A fé é *certa*, mais certa que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não pode mentir. Sem dúvida, as verdades reveladas podem parecer obscuras à razão e à experiência humanas; mas «a certeza dada pela luz divina é maior do que a dada pela luz da razão natural» (Sto. Tomás de Aquino, *S.Th.* II-II,171,5ad.3). «Dez mil dificuldades não fazem uma só dúvida» (Newman, *Apologia pro vita sua*).

158. «A fé procura compreender» (Sto. Anselmo, *Proslogion, proem*: PL 153,225A): é inerente à fé o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acreditou, e de compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor. A graça da fé abre «os olhos do coração» (Ef 1,18) para uma inteligência viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do desígnio de Deus e dos mistérios da fé, da íntima conexão que os liga entre si e com Cristo, centro do mistério revelado. Ora, para «que a compreensão da Revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé, mediante os seus dons» (DV 5). Assim, conforme o dito de Santo Agostinho, «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor» (*Serm.* 43,7,9: PL 38,258).

159. *Fé e ciência.* «Muito embora a fé esteja acima da razão, nunca pode haver verdadeiro desacordo entre ambas: o mesmo Deus, que revela os mistérios e comunica a fé, também acendeu no espírito humano a luz da razão. E Deus não pode negar-Se a Si próprio, nem a verdade pode jamais contradizer a verdade» (DS 3017). «É por isso que a busca metódica, em todos os domínios do saber, se for conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as normas da moral, jamais estará em oposição à fé: as realidades profanas e as da fé encontram a sua origem num só e mesmo Deus. Mais ainda: aquele que se esforça, com perseverança e humildade, por penetrar no segredo das coisas, é como que conduzido pela mão de Deus, que sustenta todos os seres e faz que eles sejam o que são, mesmo que não tenha consciência disso» (GS 36,2).

A LIBERDADE DA FÉ



160. Para ser humana, «a resposta da fé, dada pelo homem a Deus, deve ser voluntária. Por conseguinte, ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra vontade. Efetivamente, o ato de fé é voluntário por sua própria natureza» (DH 10; cf. CIC 748,2). «É certo que Deus chama o homem a servi-Lo em espírito e verdade; mas, se é verdade que este apelo obriga o homem em consciência, isso não quer dizer que o constranja [...]. Isto foi evidente, no mais alto grau, em Jesus Cristo» (DH 11). De fato, Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo nenhum constrangeu alguém. «Deu testemunho da verdade, mas não a impôs pela força aos seus contraditores. O seu Reino [...] dilata-se graças ao amor, pelo qual, levantado na cruz, Cristo atrai a Si todos os homens (DH 11)».

A NECESSIDADE DA FÉ

161. Para obter a salvação é necessário acreditar em Jesus Cristo e n'Aquele que O enviou para nos salvar (cf. Mc 16,16; Jo 3,36; 6,40). «Porque "sem a fé não é possível agradar a Deus" (Hb 11,6) e chegar a partilhar a condição de filhos seus; ninguém jamais pode justificar-se sem ela e ninguém que não "persevere nela até ao fim" (Mt 10,22; 24,13) poderá alcançar a vida eterna» (DS 3012; cf. DS 1532).



A PERSEVERANÇA NA FÉ

162. A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável. Paulo adverte Timóteo a respeito dessa possibilidade: «Combate o bom combate, guardando a fé e a boa consciência; por se afastarem desse princípio é que muitos naufragaram na fé» (1Tm 1,18-19). Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de a alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente (cf. Mc 9,24; Lc 17,5; 22,32); ela deve «agir pela caridade» (Gl 5, 6; cf. Tg 2,14-26), ser sustentada pela esperança (cf. Rm 15,13) e permanecer enraizada na fé da Igreja.



A FÉ – VIDA ETERNA INICIADA

163. A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (1Cor 13,12), «tal como Ele é» (1Jo 3,2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:

Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia (S. Basílio, *Liber de Spiritu Sancto*, 15,36: PG 32,132).

164. Por enquanto porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2Cor 5,7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1Cor 13,12). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.

165. É então que nos devemos voltar para as *testemunhas da fé*: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (Rm 4,18); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé» (LG 58), foi até à «noite da fé» (João Paulo II, *R. Mater*, 17), comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro (João Paulo II, *R. Mater*, 18); e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (Hb 12,1-2).



REVISANDO TEMAS

1. O motivo da fé: Jesus Cristo

Quais são os motivos que nos levam a crer? Essa pergunta é legítima tanto para o fiel quanto para quem não acredita. A decisão de crer é uma opção sensata própria do ser racional, pois a própria revelação divina é crível e não exige dele o sacrifício da razão. Mesmo que a fé não seja produto da razão humana, o mistério da encarnação revela que Deus vem ao encontro do homem e lhe fala como a um amigo (cf. DV 2) e não como um tirano que coage.

Se a revelação não é uma gnose nem uma invenção mítica que adormece os anseios e as angústias do homem, mas a irrupção pessoal e amorosa de Deus na história para dar sentido a nossas esperanças e nossas lutas, é então coerente que a revelação possa ser apresentada aos homens de nosso tempo como crível, que haja motivo para crer e que a fé seja significativa para o homem.

O cristão, portanto, sempre se pergunta se o conteúdo de sua fé é aceitável e inteligível, e, ao mesmo tempo, se pode encontrar na história indícios que o ajudem a aceitar essa irrupção de Deus que deu origem a um novo ser. Ele se pergunta também se é possível encontrar na revelação bases certas e suficientes para poder correr o risco da fé.

Refletir sobre o motivo de crer significa, portanto, arrancar a fé do mundo do arbitrário, do absurdo e do subjetivismo desvairado. Crer tem uma coerência com a estrutura humana, racional e livre, e, por isso, tal ato pode passar pelo crivo da racionalidade concreta, histórica e prática.

Como você pode notar o Catecismo não fala de motivos (no plural), mas de motivo (no singular) de crer. No fim das contas, o motivo é um só: “Deus que não pode nem enganar-se nem enganar-nos”. O parágrafo 156 estabelece, portanto, a prioridade daquele que se revela, a quem se deve a obediência da fé, porque é Ele em si mesmo crível e fiel.

Tratar sobre o “motivo de crer” consiste em falar do significado da revelação; a proposta da fé concerne àquilo que é percebido pela pessoa como autenticamente significativo para a existência, ou seja, seriamente pensável, digno de ser levado em consideração e verificado, válido para uma vida plenamente humana. Em suma, aquilo

que me é proposto solicita ao menos minha atenção e o meu tempo e – por que não? – meu compromisso definitivo de vida.

É próprio de toda pessoa buscar o sentido para a sua vida. Sem encontrar o sentido, a própria personalidade não se realiza e toda a existência se degrada em gestos e momentos fragmentados. É o sentido que unifica toda a existência, mobiliza as forças vitais e as decisões da liberdade para um fim, fortalece vigorosamente na hora da dor e do sofrimento, justifica os esforços, os sacrifícios e as renúncias.

O sentido é buscado e encontrado, mas precisa ser também acolhido. Desse modo, a pessoa humana sempre está radicalmente colocada diante da necessidade de escolher de maneira definitiva o sentido que deseja dar à própria vida. Essa escolha, porém, não é feita em base à evidência, mas em base a uma fé que a leva a crer que sua decisão a levará a encontrar o que busca.

O motivo para crer em Cristo está estreita e internamente vinculado à busca e à escolha do sentido que a existência humana reclama de todos nós. Para o cristão, o motivo da fé é sobretudo o encontro com uma pessoa, Jesus Cristo, que “revela plenamente o homem ao próprio homem e lhe faz conhecer a sua vocação sublime” (GS 22).

No catecismo a fé é apresentada principalmente como a resposta com a qual o homem acolhe a revelação, de tal maneira que a revelação em si mesma acarreta a acolhida que o homem oferece dentro desse processo interpessoal da revelação: Deus se revela, chama o homem, dialoga com ele, manifesta-lhe seu amor; o homem acolhe a Palavra, transforma-a em vida e entra, ajudado pela graça, em comunhão com Deus.

Todas as provas exteriores (milagres, profecias, propagação e santidade da Igreja, sua fecundidade e estabilidade) não estão fora de Cristo e de sua Revelação, pelo contrário brotam dEle. As provas exteriores têm o objetivo de levar os homens a identificar a Prova Pessoal por excelência da manifestação de Deus: Jesus Cristo.

O motivo para crer não se limita à credibilidade de uma mensagem, de uma doutrina, mas se refere primeiramente à credibilidade de uma realidade histórica e pessoal que muda o sentido da história e do homem, ou seja, a revelação e a manifestação de Deus em Jesus.

A sublimidade de sua doutrina, a sabedoria e santidade de sua vida, o poder manifestado em seus milagres e em sua ressurreição, o excesso de caridade demonstrado em sua morte, todo o esplendor do ser e do agir de Cristo constituem um testemunho propriamente divino (Jo 5,36-37; 10,37-38) que confirma a revelação e manifesta sua credibilidade. Pois esse esplendor atesta que Cristo realmente vive entre nós como o Emanuel, Deus-conosco, que age e conversa com os homens para nos libertar do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna (LATOURELLE, Teología de la revelación, 368).

2. A ação da graça, a certeza e a liberdade

“Crer só é possível pela graça e pelos auxílios do Espírito Santo” (154). Deus está na origem de tudo, também da fé. A fé é um dom e uma graça sem deixar, porém, de ser uma ação humana. Com efeito, a ação da graça não substitui nem suprime a liberdade e a responsabilidade da pessoa humana; o dom de Deus reclama, pressupõe e suscita a responsabilidade humana, pois ao dom oferecido por Deus corresponde a acolhida livre e responsável do homem.

O ser humano não é um ser fechado em si mesmo, mas uma realidade aberta à transcendência. Essa abertura se verifica no fato de o homem experimentar a si mesmo como um ser imerso no mundo finito, mas sempre desejoso de infinito. Ele tem consciência de sua finitude, mas ao mesmo tempo tem consciência aguda da sua abertura à transcendência. Ele constata continuamente sua própria finitude e, ao mesmo tempo, é perseguido pelo desejo do infinito.

A revelação torna essa abertura indeterminada à transcendência em resposta de fé, pela qual o homem entra em comunicação com Deus, comunicação esta tornada possível pela revelação. A fé – deve-se repetir – é um dom divino sem deixar de ser um ato humano.

A revelação não aliena o homem de si mesmo e do mundo. Pelo contrário, dá resposta às interrogações mais sérias da sua existência. Ela revela não somente quem é Deus, mas também quem é o homem. O que a fé reconhece e colhe, portanto, não é uma verdade abstrata ou uma formulação de conceitos, mas uma Pessoa que vive, fala e age com seu poder infinito e com grande amor: é o próprio Deus que vem ao nosso encontro na pessoa de Jesus Cristo. Ora, sem a iniciativa de Deus (graça) a acolhida humana não seria possível.

Outra característica da fé é a certeza. Sem ela o próprio ato da fé se torna impossível. Com efeito, sem certeza ninguém poderia realizar um ato definitivo como é o da fé. Ninguém aceita correr o risco da fé baseando-se em ideias provisórias e em premissas incertas. A existência se desenvolveria sob o signo da precariedade, da angústia e da dúvida. A certeza da fé, pelo contrário, se funda no conhecimento da verdade encontrada exatamente no ato da fé com que se crê.

A fé é um ato livre e pessoal. “Os homens são obrigados em consciência, mas não são forçados” (160). Como entender essa afirmação?

A fé cristã vive do paradoxo supremo de que Deus respeita a tal ponto a criatura que permite que ela possa, até mesmo, escolher contra Ele. Nesse caso, trata-se de uma liberdade de escolha que não alcança nem realiza a liberdade pessoal porque a escolha contra Deus impede o homem de superar os seus próprios limites, de se autotranscender. De fato, a liberdade plena não se limita à liberdade de escolha, mas é um movimento pelo qual o ser humano acolhe em si a superação de seus limites, realizando-se como pessoa e cumprindo gestos que transcendem a sua finitude. A fé é exatamente o exercício dessa liberdade que descobre a presença do infinito e se abandona a ele e dessa forma se autotranscende. Na fé em Cristo, o homem supera-se a si mesmo acolhendo o dom de Deus.

3. Fé e amor

A fé se abre ao amor e o busca porque, no final das contas, o descobre como a sua origem a qual tudo deve e como a sua própria razão de ser. Crer e amar são duas exigências próprias do ser cristão. O fiel reconhece que sua fé brota do amor e a ele o conduz. Ao mesmo tempo, o cristão percebe que não teria verdadeiro amor se este não tivesse seu início na fé que reconhece aquele “que amou até o fim”.

A fé não é simples confissão de verdades, mas principalmente uma relação pessoal com Jesus Cristo, relação pessoal esta que leva a aceitar e reconhecer a verdade revelada e a acolher a salvação por Ele realizada.

Fé consiste em aceitar Cristo e viver a vida dEle; implica um compromisso vital e dinâmico, uma decisão livre que compromete o agir do homem, sua liberdade, para

adequar sua existência ao amor de Jesus. Assim a natureza da fé é a de ser uma fé viva que opera na caridade (Gl 5,6).

Conhecer a verdade da fé exige que ela seja reconhecida e acolhida na obediência a Cristo, o que deve se traduzir em autêntico viver cristão, que outra coisa não é do que o mandamento do amor (cf. Tg 2,16-26; 1Jo 4,8-16; 3,16-18.23).

O conhecimento e a proclamação da verdade impulsionam e exigem a ação do cristão, o que, por sua vez, dá autenticidade à sua proclamação.

Para o cristão não há senso falar que primeiro se deve crer em Cristo para depois viver como cristão. Acreditar é em si mesmo um crer e um viver segundo o estilo próprio do amor. O ato de crer é fundamentalmente uma decisão que engloba toda a vida: crer implica uma prática e um viver que se torna testemunho da vida de Cristo.

4. A fé e razão

A citação do adágio de Santo Agostinho é muito apropriada: “creio para compreender, e compreendo para melhor crer”. A fé se volta para si mesma para buscar a inteligência do próprio conteúdo. Nesse sentido, a fé não paralisa a razão, antes a impulsiona a penetrar mais profundamente no mistério revelado para que a fé adira ainda mais fortemente. A busca da inteligência daquilo que se crê não é motivada por fatores alheios à própria fé; é pela sua própria natureza que a fé busca compreender, aprofundar e transmitir o conteúdo da fé.

A fé exige, portanto, a responsabilidade de um estudo constante dos conteúdos da fé, de um crescimento permanente e de um cultivo cuidadoso na vida de fé. O testemunho cristão, em nosso tempo, precisa mais do que nunca motivar-se, bebendo das fontes da reflexão. Precisa, sobretudo, recuperar o porquê de valer a pena acreditar. Em outras palavras: é preciso pensar a fé. O não pensar a fé pode levar facilmente as pessoas a estranhar-se da fé, a não acolher a fé em sua dupla valência de dom e de livre aceitação, de dom e responsabilidade.